

LÉVY, Pierro. O que é o Virtual. São Paulo: Editora 34, 2007. 157p.

JANIERY DA SILVA CASTRO

Doutoranda pela Università degli Studi di Firenze. janicastrol@hotmail.com

O livro de Pierre Lévy, intitulado “O que é o virtual” nos relata das mudanças que a tecnologia tem feito nos modos de interação de uns para com os outros. Tais formas são redes globais de instrumentalidade, que facilitam a comunicação mediada por computadores e que têm gerado uma variedade de comunidades virtuais ampla.

A informatização nessa cotidianidade tem gerado um novo perfil de “ser” nessa sociedade informacional e virtual. Nessa dinamicidade, remetemo-nos a uma compreensão da corporeidade do ser humano. Um corpo que não fica somente atrelado ao físico, ao sexual, ao gênero, mas também ao campo simbólico do virtual ao qual nós, sujeitos, estamos inseridos.

Nesse sentido, Pierre Lévy nos apresenta o conceito de *virtualização*, demonstrando “o que é o virtual” e como podemos designá-lo. Para ele, o virtual vem da modalidade do “estar junto”, “entre nós”, remetendo à humanização, ao saber coletivo, ao saber lidar com o outro, ao saber portar-se, o informar ao outro, ao ouvinte, ao receptor; todas essas condições implicam numa preocupação para com o captar da informação/mensagem e ordená-la de maneira organizada para que o outro (e não apenas você – no caso, o “eu”) a entenda e a compreenda.

A informatização tem mudado as nossas formas de comunicação para além da língua, do oral e do escrito. Essas formas vão se ampliando e gerando novas e inovadas maneiras de comunicação e expressão.

A virtualização, como diz Lévy, é uma mutação em curso, em desenvolvimento, em expansão. Não é “boa”, nem “má”: poderíamos até caracterizá-la como a busca pela essência da *hominização*¹, mas não vem ao caso. Para o autor, há uma constante e tênue linha entre três pontos existentes no mundo virtual, que o caracterizam enquanto virtual/virtualização e que dão margem ao encantamento, aos processos de criações e às infinitas possibilidades que o virtual nos permite experimentar, sendo eles: *o falso, o ilusório ou o imaginário*. É nessas três condições que o mundo virtual encontra o seu espaço e se deixa fluir entre o subjetivo, no mundo das ideias, dos espaços subliminarmente marcados e o mundo real do qual o virtual necessita para criar possibilidades de aperfeiçoamento, para tentar melhorar as relações sociais, o contato com os outros, etc., pois, enquanto no mundo real a distância às vezes dificulta o contato, no mundo virtual essas distâncias dissipam-se e transformam-se em lugares interconectados e espaços de diálogos em tempos reais.

Por isso, entender “o que é o virtual” remete-nos a um movimento triplo: o “filosófico (o conceito de virtualização), antropológico (a relação entre o processo de hominização e a virtualização) e sociopolítico (compreender a mutação contemporânea para poder atuar nela)”. Nesse sentido, precisamos entender a etimologia do termo virtualização, compreendendo que essa etimologia está interligada ao conceito antropológico de “evolução do homem”, considerando seus conhecimentos e sua forma de agir no mundo. Intrinsecamente relacionado a essas mudanças há o conceito do *sociopolítico*, que significa compreender como

¹ De acordo com o dicionário Aurélio, a hominização seria o processo evolutivo de criação, evolução biológica, fisiológica, psíquica que nos distinguem dos outros animais.

funcionam essas mudanças da informatização e como saber lidar com elas, já que as mesmas vão gerando novas formas de atuação no mundo contemporâneo.

Daí que para entendermos a virtualização devemos situá-la enquanto atualidade. Assim é definido o conceito de *virtual* com algo suscetível de ser realizado; diz-se também que, em seu termo filosófico, é o que está predeterminado e que contém todas as condições favoráveis à sua realização (opõe-se, nesta acepção, às noções de “potencial” e “atual”). Então, o virtual, embora não seja algo palpável concretamente, é *potencial*, aliando-se constantemente não ao que é “real”, mas sim ao que se diz “atual”.

Quanto à questão da *atualização*, Lévy defende que “o real assemelha-se ao possível: em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe” (p. 17). Responde-lhe nas possibilidades de melhorar os nossas formas de comunicação e de interação com o meio, produzindo aparatos tecnológicos mais eficazes para lidarmos com o cotidiano. O virtual responde ao atual porque estamos quase sempre em processo de mudança, de atualização: o virtual participa disso problematizando, criando conflitos, extinguindo gradativamente profissões e funções em virtude da criação de programas que respondem às necessidades mais atuais e mais complexas do cotidiano. Existe o “virtual” porque há o “atual”. Sendo, pois, a existência da *virtualização* um meio para problematizar esse atual e, como falamos acima, que ela possibilite melhoras para nossas vidas, de modo que estas se tornem mais práticas. Em vários ambientes o virtual serve para enriquecer as relações humanas, seja para facilitar o trabalho e/ou melhorar a divisão de atividades numa empresa, por exemplo. O que se estende a vários outros setores: nas diversas formas de educar, de gerir,

de transmitir conteúdo/ conhecimento, de formar e informar pessoas, alunos, professores, entre tantas outras coisas/possibilidades. Assim,

[...] a virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema. Ela transforma a atualidade inicial em caso particular de uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica. Com isso a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. Se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis seria desrealizante. Mas ela implica a mesma quantidade de irreversibilidade em seus efeitos, de indeterminação em seus processos de invenção em seu esforço quanto a atualização. A atualização é um dos principais vetores da criação de realidade (p. 18).

É a atualização que dá vetor à virtualização, pois, assim, procura problematizar o que está posto no real e no atual. As formas materiais da tecnologia e os usos que se tem feito delas nos leva a algumas questões: sempre podemos melhorá-las? Com quais intenções seus usuários a usam? Nem todas as respostas são simples, mas pode-se dizer, de antemão, que o uso da internet é livre e acessível para aqueles que podem usufruir de seus benefícios, mas é necessário problematizar essa acessibilidade, saber como se tem dado o uso delas; daí é que a virtualização e sua dinamicidade, por exemplo, podem ser utilizados na criação de filtros através dos quais crianças não podem acessar sites com conteúdos impróprios às da sua idade, a partir dos quais empresas bloqueiam sites de redes sociais (evitando com que seus empregados não os acessem durante o horário de expediente do trabalho), entre outros. É esse o motor da criação/invenção de novos intentos/velocidades da virtualização. A virtualização “inventa espaço-tempo mutantes e participa do processo de desterritorialização”, é “heterogênese, devir outro, processo de acolhimento da alteridade” (p. 25).

Nesse ímpeto, a virtualização perpassa os vários segmentos constituintes de nossa existência: o corpo, o texto, a economia, a linguagem e a própria constituição do sujeito. Quanto ao corpo, a virtualização atua como um *hipercorpo*, no qual cada indivíduo faz parte de um corpo maior, internacional e mundializado. A virtualização nos convida a ser várias coisas ao mesmo tempo: ser brasileiro (a), francês (a) e afrodescendente; ser mãe, pai e filho (a); ser dono (a) de casa, professor (a) e estudante... É justamente um hipercorpo marcado por várias nacionalidades, múltiplas identidades que se desterritorializam, reterritorializando-se em novas condições identitárias.²⁹⁴

Há ainda, nesse mesmo segmento, a *virtualização do texto* (que nos encaminha à leitura como moldável e adaptável de acordo com a intenção de quem lê), e a *virtualização da memória* (quando a escrita vai além do texto alfabético, tornando-se carregada de símbolos: são mensagens iconográficas, mapeamentos, tirinhas, curtas, entre outros). O uso de todos esses símbolos mostra-nos a dinâmica, a mutação das formas de comunicação no sentido de produzir um “discurso elaborado ou propósito deliberado” (p. 37). Nesse sentido, no contexto da virtualização da memória e do hipertexto, as atitudes humanas estão carregadas de simbologias, de diversidades, de alteridades, hibridizações, pois a virtualização do texto surge para,

[...], com efeito, hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete, são outras tantas funções do texto informático (p. 37).

Lévy sugere também que este hipertexto é um meio de ajudar o leitor a “navegar”, para que ele não se perca em meio aos infinitos corais de hipertextos espalhados na rede: é uma forma prática para que o leitor não perca o foco de sua pesquisa. Daí a afirmarmos que toda comunicação, seja “real” ou “virtual”, objetiva ser clara e lógica ao receptor para que haja sucesso na transmissão da mensagem que o informante deseja efetuar. Para tanto, quanto às noções de virtualização, o computador torna-se a “potencialização da informação”. Nele, diferentemente do texto escrito, a sua métrica e a sua condição de montagem estão ali, já estruturadas, e não podem ser mudadas a princípio. No texto informático, que não usa apenas letras, sua escrita é codificada e se transforma em espaços potenciais, moldáveis, plásticos. “Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular” (p. 41).

Assim, o ato da leitura, no processo de virtualização, torna-se uma hipercontextualização. Nesta, “o texto é transformado em problemática textual” (p. 42), já que a informatização nos permite novas leituras e escritas, mais abrangentes, mais complexas, mais cheias de significados e símbolos. A página virtual, o “www” (“world wide web” – que, em português, tem como significado “rede de alcance mundial”), permite-nos apreciar o texto além das palavras, pois é uma apreciação contínua e, nesta informatização, o texto transforma-se num *continuum*, num artefato potencial. Assim sendo, o hipertexto, nas redes informáticas, transforma-se nos espaços de diálogos de trocas, de mutações de palavras, de conhecimentos, de pontos de vistas, todos ligando o pensamento do “eu” ao de outros. Sucessivamente, numa espiral, numa rede inter-

conectada, interesses comuns e pontos de vistas e perfis nem tão comuns se aproximam e se chocam.

É justamente a hipertextualização agindo nos estudos da cultura, nos artefatos culturais, tentando pôr as diferenças em contato, desterritorializando espaços, marcas, trajetórias, já que na rede mundial de computadores as distâncias praticamente não existem. “Com isso, a hipertextualização multiplica as ocasiões de produção de sentido e permite enriquecer consideravelmente a cultura” (p. 43), fazendo com que tentemos interpretar e assimilar de tudo um pouco, ou seja, imprimimos uma:

[...] interpretação de sentido, [que] doravante não remete mais exclusivamente à interioridade de uma intenção, nem a hierarquias de significações esotéricas, mas antes à apropriação sempre singular de um navegador ou de uma surfista. O sentido emerge de efeitos de pertinência locais, surge na intersecção de um plano semiótico desterritorializado e de uma trajetória de eficácia ou prazer. Não me interessa mais pelo que pensou um autor inencontrável, peço ao texto para me fazer pensar, aqui e agora. A virtualidade do texto aumenta minha inteligência em ato (p. 49).

A partir daí, a linguagem, nossa principal forma de comunicação, torna presente um tempo real. Tempo este que se virtualiza em nossa existência. A linguagem caracteriza a existência num tempo que não é real, mas aberto e sincronizado, e que só veio a ser demarcado por causa da fala e a partir da necessidade de pontuar os seus acontecimentos (ou o que designaríamos de passado, presente e futuro, das nossas vivências, experiências, histórias de vida). Sendo assim, o tempo nada mais é do que uma virtualização, uma projeção do que seriam esses momentos vividos, já que “o tempo como extensão completa não existe a não ser virtualmente” (p. 72). Ligadas à virtualização, as noções de tempo, espaços e linguagens parecem emanar uma evolução cultural muita mais rápida e prodigiosa do que a própria evolução biológica (idem). Nesse ínterim, a virtualização do presente abre alas para a vivência de dois movimentos que acontecem simultaneamente: a passagem do interno para o externo, assim como a passagem do externo para o interno. Nossas emoções, sentimentos, pensamentos, que pertencem a nossa subjetividade, ao nosso “eu interior”, passam a ser públicas quando compartilhamos textos, poesias, músicas que condizem com um sentimento nosso em um dado momento; em movimento contrário, elas passam do externo ao nosso interno quando ouvimos uma música, assistimos a algum filme, ou vemos exposições de artes: interiorizamos aquele sentimento retratado naquilo que vemos à frente de nossa *persona*.

A virtualização, em seus espaços subjetivados, parece-nos tão presente em nossos locais concretamente demarcados que não mais nos vemos sem ela. A virtualização está em nosso cotidiano, nas formas de vermos o outro e como o outro nos vê; ela flui constantemente em busca do atual e procurando problematizar o nosso real, levantando hipóteses, questionamentos e polêmicas, provocando uma diversidade cultural que toma forma na contextualização da informação e na ampliação dos usos das múltiplas linguagens.

Assim, apesar do autor não ter escrito essa obra diretamente para a formação de professores, podemos interligá-la compreendendo que o mundo virtual e as tecnologias da informação e comunicação têm sido também, um elo nesse processo contínuo de aprendizagem. O mundo cibernético tem ajudado a moldar uma identidade mais coletiva, cheia de identidades e subjetividades. A rede virtual tem-nos propiciado a entender a educação de si como um processo, um movimento plástico, moldável, de fazer perceber e notar o conceito de diferença, de identidades subjetivas através de vários vieses, de novos ou renovados olhares que antes não conhecíamos e que o mundo virtual nos tem feito perceber através do acesso as redes e as informações espalhadas na rede mundial de computadores.

Nesta obra Lévy nos propõe refletir sobre as mudanças que a tecnologia tem feito em nos modos de vida, na construção de identidades. É importante perceber que esta não é uma construção apenas externa (da tecnologia que têm moldado o homem), mas ela é também interna, ou seja, o homem tem se beneficiado dos seus feitos, de sua criação, é um movimento intrínseco. Penso que esta é uma obra importante, não apenas por sua temática atual, mas também porque faz-nos aperceber-nos que a virtualidade propõe uma relação com o saber numa continuidade, numa aprendizagem ao longo da vida.

Recebido em: 03.07.2014

Aceito em: 16.01.2015298